

O PODER INVISÍVEL DO CAPITALISMO ATRAVÉS DA PERSUASÃO ALGORÍTMICA: A SUPRESSÃO DA IDENTIDADE CULTURAL¹

THE INVISIBLE POWER OF CAPITALISM THROUGH ALGORITHMIC PERSUASION: THE SUPPRESSION OF CULTURAL IDENTITY

Kauan de Sousa Rodrigues

Faculdade Princesa do Oeste, Crateús, CE, Brasil

Kellyane Macêdo Martins

Faculdade Princesa do Oeste, Crateús, CE, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.46550/cadernosmilovic.v3i2.134>

RESUMO: O artigo tem como objeto de estudo o poder invisível que o capitalismo exerce por meio da persuasão algorítmica, diretamente relacionada à supressão cultural. O objetivo é analisar como a lógica capitalista se apropria do soft power, utilizando a persuasão algorítmica para moldar comportamentos e direcionar a subjetividade, promovendo a homogeneização cultural. Para tanto, adota o método qualitativo, pautado em revisão bibliográfica de autores clássicos e contemporâneos, com destaque para a contribuição de Miroslav Milovic, cujo pensamento é fundamental para compreender como o capitalismo exerce dominação ao incutir necessidades que jamais se satisfazem, gerando um ciclo permanente de insatisfação. A fundamentação teórica articula Milovic, que propõe a Comunidade da Diferença como alternativa à homogeneização, com Joseph Nye e seu conceito de soft power, Herbert Marcuse e a crítica às falsas necessidades, Byung-Chul Han e sua análise da psicopolítica digital, além de Gayatri Spivak e a discussão sobre a subalternidade. Os resultados evidenciam que os algoritmos funcionam como instrumentos que potencializam a hegemonia cultural, sobretudo a norte-americana, como critica Milovic, fragilizando expressões culturais periféricas. Conclui que a persuasão algorítmica atua como pilar de manutenção do sistema capitalista global por meio do soft power, ao mesmo tempo em que revela a necessidade de resistências coletivas, especialmente pela efetivação da Comunidade da Diferença proposta por Milovic, como caminho para a preservação da diversidade cultural.



1 O presente artigo participou do Prêmio Miroslav Milovic “Juventude Filósofa” no ano 2025.

PALAVRAS-CHAVE: Capitalismo. Soft Power. Persuasão Algorítmica. Identidade Cultural. Globalização.

ABSTRACT: This article examines the invisible power that capitalism wields through algorithmic persuasion, directly related to cultural suppression. The objective is to analyze how capitalist logic appropriates soft power, using algorithmic persuasion to shape behaviors and direct subjectivity, promoting cultural homogenization. To this end, a qualitative method is adopted, based on a bibliographic review of classical and contemporary authors, highlighting the contribution of Miroslav Milovic, whose thinking is fundamental to understanding how capitalism exerts domination by instilling needs that will never be satisfied, generating a permanent cycle of dissatisfaction. The theoretical foundation articulates Milovic, who proposes the Community of Difference as an alternative to homogenization, with Joseph Nye and his concept of soft power, Herbert Marcuse and the critique of false needs, Byung-Chul Han and his analysis of digital psychopolitics, and Gayatri Spivak and the discussion of subalternity. The results show that algorithms function as instruments that enhance cultural hegemony, especially North American hegemony, as Milovic criticizes, weakening peripheral cultural expressions. The conclusion is that algorithmic persuasion acts as a pillar of maintenance of the global capitalist system through soft power, while also revealing the need for collective resistance, especially through the realization of the Community of Difference proposed by Milovic as a path to preserving cultural diversity.

KEYWORDS: Capitalism. Soft Power. Algorithmic Persuasion. Cultural Identity. Globalization.

1 Introdução

O capitalismo, enquanto sistema econômico e social, expandiu-se ao longo da modernidade como a principal forma de organização das relações de produção, circulação e consumo. A globalização e os avanços da tecnologia modificam como as formas de poder se manifestam sobre a sociedade. Se antes a dominação se dava através da coerção e poder militar, hoje ela se transforma em uma forma mais sublime que atravessa o mundo através do capitalismo.

Nessa perspectiva, surge o conceito de *soft power*² que será indispensável na compreensão e discussão sobre a dominação na era digital

2 Capacidade de afetar os indivíduos através da persuasão e da atração para obtenção de resultados pretendidos (Nye, 2012).

e como essa se revela, indo além da mera coerção direta e agindo a partir da persuasão e inserção de preferências artificialmente produzidas que influenciam o comportamento dos indivíduos.

O conceito do *soft power* faz contraponto ao pensamento de Miroslav (2006) que, por sua vez, deixa claro que o capitalismo, afora estimular desejos, não tem o propósito de deixar os sujeitos satisfeitos com as suas aquisições. Ao contrário, sempre estarão almejando por mais. Essa dinâmica cria um ciclo de consumo e frustração em que a atração se torna meio de controle, evidenciando que o *soft power* não só persuade, mas se impõe e molda o subjetivo do indivíduo, que deixa de possuir o autocontrole sobre suas ações.

A problemática ora discutida diz respeito à confluência de fatores: o *soft power* aliado à atuação dos algoritmos e a profusão global de necessidades artificialmente criadas pelo modelo capitalista em voga. Tudo isso, quando associado, cumpre com um propósito demasiado maléfico: a subjugação dos sujeitos excluídos pelo sistema.

Nesse sentido, o presente artigo busca responder à seguinte pergunta: de que forma a lógica capitalista contribui para a supressão e homogeneização das identidades culturais apoiada sobre os algoritmos e *soft power*?

Com o fito de responder ao questionamento feito, o presente trabalho irá analisar a problemática ora apresentada à luz da perspectiva do filósofo da diferença, Miroslav Milovic, em diálogo com autores que contribuem para o entendimento do objeto em discussão.

A metodologia conta com uma abordagem qualitativa, tomando como ponto de partida a análise crítica da dominação exercida pelo capitalismo, através dos algoritmos, perpetuando a hegemonia de países-centro. O procedimento é o bibliográfico, baseado na pesquisa de obras fundamentais da filosofia, sobretudo a Miroslaviana.

Quanto ao objetivo, é exploratória e explicativa, uma vez que demonstram a forma como a persuasão algorítmica atua na supressão das identidades periféricas. Tem natureza aplicada, visto que o conhecimento levantado tem o intuito de oferecer reflexões e meios para a resistência, especialmente ao sugerir a aplicação dos ideais de Miroslav Milovic como alternativa à lógica de reprodução do capital.

O trabalho encontra-se dividido em três tópicos. Inicialmente aborda a lógica invisível do capitalismo e sua relação com o *soft power* na era digital. Em seguida, trata da relação deste último com os algoritmos,

especialmente, dentro das relações de consumo. Por fim, irá discutir sobre a supressão da identidade cultural e a necessidade de colocar em voga uma prática de resistência.

2 A lógica invisível do capitalismo e o *soft power* na era digital

No contexto sociopolítico e econômico, o modelo de produção sempre foi fator modificador das relações sociais e políticas, indo, assim, além do econômico. A transição de um modelo produtivo para outro ocorre em virtude de ondas de declínio em razão da superação das tecnologias criadas e ondas de auge em virtude da criação de novos aparatos tecnológicos. Ligada a essa lógica esboçada por Giovanni Arrighi (1988), Miroslav Milovic (2025) afirma que, para se ter algo novo (o autor se refere à estrutura de poder), é indispensável a destruição do seu predecessor. Isso leva à reflexão de que as formas de poder não são imutáveis, mas plásticas e voláteis. Ressignificam-se.

Antes de discutir sobre o tipo de dominação moderna invisível que este artigo irá tratar, é importante compreender o conceito formulado pelo cientista político norte-americano Joseph Nye no final da década de 1980: o *soft power* ou poder brando. O referido poder é definido como a capacidade de afetar outros utilizando meios cooperativas de ajuste da agenda, persuasão e produção de atração positiva para obtenção dos resultados preferidos (Nye, 2012).

Em outras palavras, o poder duro é comando. O poder brando é influência. Ao contrário do *hard power* (poder duro), pautado pela força bélica e sancionatória de um Estado, o *soft power* (poder brando) se apoia sobre fatores intangíveis como instituições, ideias, valores e cultura, ou seja, “vender” estilos de vida através do sentido sublime da atração, que age de forma quase que imperceptível (Nye, 2012, p. 44). Tal forma de poder é vista, principalmente, na difusão de narrativas culturais, padrões consumistas e sociais que despertam interesses e necessidades artificiais que, em condições normais, talvez as pessoas jamais cogitassem.

Em sua obra *Metáforas do Poder*, Miroslav Milovic sintetiza o fenômeno do *soft power* ao afirmar que o mundo é o projeto americano. A título de exemplo sobre a ação concreta do *soft power*, pode-se citar a ascensão da indústria cinematográfica hollywoodiana, o firmamento das chamadas *big techs* e a moda como forma de status e poder. A visão de Miroslav evidencia, portanto, que a hegemonia norte-americana se fundamenta,

sobretudo, na difusão de valores, símbolos e narrativas capazes de moldar o imaginário global, podendo ser analisados sob a óptica de Joseph Nye, afastando a ideia de que apenas o poder duro exerce dominação.

Dessa forma, Alessandro Eugenio Pereira (2011, p. 238) esclarece que, no contexto das relações internacionais, a hegemonia se funda na capacidade de liderança de um Estado em relação aos demais. A visão do autor se concretiza na forma como o país norte americano se projeta em posição de centralidade hegemônica que comanda as relações entre países e se infiltra nas dinâmicas dos mercados globais, influenciando a sociedade sob a lógica de interesses hegemônicos.

Os contornos da dominação delineados pelos países norte-americanos ganham força a partir da compreensão da globalização enquanto fenômeno hegemônico e da dissolução das fronteiras físicas a partir da profusão da tecnologia da informação:

Antes do fenômeno da globalização, as fronteiras físicas e simbólicas eram os elementos de limitadores da influência de cada Estado, ou seja, o poder destes estava limitado à circunscrição de seus territórios. Porém, com o avanço das tecnologias e a rápida difusão do capital e fluxos de trocas econômicas, culturais e sociais, essas fronteiras foram se tornando porosas, ocasião em que esses Estados acabam sofrendo influxos e interferências externas que, por sua vez, fogem ao seu controle (Bezerra; Silva; Morais, 2021, p. 87).

O excerto destacado reforça que a globalização enfraqueceu as fronteiras físicas e simbólicas dos Estados, permitindo que fluxos econômicos, culturais e tecnológicos passassem a operar de forma transnacional e muitas subjugando o próprio controle estatal. Esse fluxo dialógico pode, por vezes, ganhar contornos mais imperialistas, conforme descreve a teoria do sistema-mundo de Marcel van der Linden (2013). Para o autor a economia global se organiza de maneira desigual entre centro (EUA) e periferia (países subdesenvolvidos), onde o Estados Unidos impõem padrões culturais e econômicos responsáveis por intensificar a homogeneização cultural e a dependência estrutural dos países periféricos diante dos centros (Linden, 2013).

O fato é que, no capitalismo contemporâneo, o *soft power* poderia até funcionar como meio de cooperação cultural, no entanto, transforma-se no principal meio de reprodução da lógica mercadológica e de manutenção da hegemonia. Assim, sua visão predominante é a de uma atração estratégica que mascara a imposição de padrões hegemônicos, o que, por sua vez, tende a excluir a diferença e, consequentemente, os países periféricos.

O sistema capitalista não se limita à mera produção de objetos e mercadorias, mas forma e espalha estilos de vida que assumem esse papel de mercadoria. O capitalismo deixou de lado o foco na produção e passou a atuar, mais fortemente, na pessoa do consumidor (Lipovetsky, 2004). A sociedade, agora reconhecida como sociedade do consumo, adere a padrões consumeristas ditados pelo próprio sistema produtivo. Tal qual preconizado por Bauman (2008) em “vida para consumo”. A sociedade passa a viver do desejo da aquisição para obter pertencimento, estruturando-se, assim, em ideais efêmeros, seduzida pela vontade de consumir. Tudo isso reverbera no que vem sendo discutido no presente trabalho: a implantação de um *soft power*.

O modelo capitalista atual perpetua a criação de um falso sentimento de pertencimento, status e identificação com padrões globais que se tornam, cotidianamente, objetos de exploração. Como observa Byung-Chul Han, “o capitalismo do consumo [...] introduz emoções para criar necessidades e estimular a comprar. [...] hoje, em última análise, não consumimos coisas, mas emoções” (2018, p. 66).

O modelo capitalista não se restringe à mercantilização de bens materiais, mas se apropria também das experiências afetivas, transformando desejos, sentimentos e identidades em produtos. Dessa forma, a cultura, longe de ser espaço autônomo de criação, é convertida em mercadoria pronta para ser consumida, servindo como instrumento da persuasão que ao orientar desejos e escolhas, a partir da atuação dos algoritmos, promove a homogeneização cultural.

3 O soft power por trás da engenharia do consumo: a persuasão algorítmica

O sistema capitalista reflete os vieses e as influências presentes na sociedade que o constrói. Nesse sentido, Herbert Marcuse (1964) aduz que as necessidades humanas são históricas, ou seja, são moldadas conforme o período, ficando sujeitas aos padrões críticos dominantes de sua época. No passado, o poder dominante era praticado através de ideais de verdade e da fé religiosa. Hoje, apresenta-se de maneira mais sofisticada, como instrumentos invisíveis de regulação, através da utilização de uma coleção de dados e sistemas automatizado. Esses mecanismos invisíveis são os algoritmos, que “[...] são utilizados para observar nosso comportamento e nossos interesses, bem como para prever nossas necessidades futuras

e nossas ações futuras” (Hoffmann-Riem, 2019, p.126). Para além de guiarem as escolhas dos consumidores, também garantem a efetividade do funcionamento do modelo capitalista em voga.

Recorrendo-se a uma linguagem programática, os algoritmos podem ser conceituados como “sequências finitas de instruções ou passos bem-definidos com a finalidade de resolver um problema, uma tarefa ou um cálculo específico” (Mendonça; Filgueiras; Almeida, 2025, p. 32). Afora essa finalidade *prima facie*, quando aliados às tecnologias de informação, ultrapassam sua função original de simples solucionadores de problemas e passam a atuar como mediadores invisíveis do ambiente informacional.

Em uma perspectiva capitalista, Byung-Chul Han (2018) afirma que os algoritmos, a partir dos *big data*, são instrumentos psicopolíticos que permitem alcançar um alto nível de conhecimento sobre as formas de comunicação, muitas vezes, sem a autorização dos usuários, intervindo na psique e influenciando a sociedade em um nível pré-reflexivo, bem como em sua forma de viver, se relacionar e consumir. Há, assim, um deslocamento do plano técnico para o plano simbólico através do qual os algoritmos assumem um papel político, sem recorrer a coerção direta, convertendo-se em um instrumento contemporâneo de *soft power*.

Dessa forma, a atuação algorítmica na era digital representa uma atualização do *soft power* descrito por Nye (2004). Se, em seu conceito original, o poder brando atuava, sobretudo, através da sedução cultural, hoje esse processo é potencializado através de mecanismos tecnológicos voltados para intervir na formação das preferências individuais. Assim, os algoritmos agem de forma contínua de maneira similar aquilo que caracteriza o *soft power*: moldando desejos e induzindo escolhas por meio da atração em vez da coerção.

A diferença, portanto, é que o *soft power* clássico dependia da difusão de narrativas culturais, enquanto sua conformação atual, o *soft power* algorítmico, adapta-se ao perfil comportamental de cada usuário. A partir dessa perspectiva, o poder algorítmico se converte em um instrumento mais eficiente de poder brando do capitalismo contemporâneo, naturalizando padrões hegemônicos ao mesmo tempo em que invisibiliza o processo de dominação que os produz.

Deste modo, os algoritmos não apenas organizam informações, mas influenciam diretamente na vida social dos indivíduos e interfere em suas formas de consumir e se relacionar, operando como instrumentos de orientação das percepções e dos desejos, tal como o *soft power* define sua

influência na moldagem de preferências. Exemplos concretos disso estão nas compras feitas de forma compulsiva, nas *trends* que “viralizam” nas redes sociais, na reprodução de criação de imagens feitas com inteligência artificial, entre outros. Tudo isso por conta da tentativa dos indivíduos de se enquadrarem em padrões criados através da persuasão algorítmica e da imposição de falsas necessidades atribuídas ao público-alvo.

Como Marcuse (1964) argumenta, as necessidades são frequentemente criadas pelo sistema, tornando-se “falsas necessidades”³ que promovem a submissão e o consumo, mantendo o indivíduo dócil e passivo. Nesse contexto, os algoritmos passam a ocupar, no mundo contemporâneo, o papel de mediadores do conhecimento e de precursores do comportamento social capazes de influenciar diretamente a vida das pessoas.

O fato é que a persuasão, seja ela convencional, como nas formas tradicionais de controle, ou virtual e tecnológica, como nos dias atuais, sempre esteve presente na história das sociedades humanas. A diferença tende a ficar em segundo plano, sendo convertida em um mero meio para o consumo. E, quando deixa de gerar essa promoção ao capital, é excluída ou substituída. Esse espaço construído para longe da emancipação reforça a homogeneização criticada por Milovic.

Veja que o sentido de dominação não deixou de existir, apenas se modernizou. Tal forma de domínio é ainda mais sofisticada, pois é exercida não só através de um poder coercitivo ou sancionatório, mas também e principalmente através da sedução de um ideal de liberdade, de autonomia. Isso faz os indivíduos se sentirem independentes e autônomos quando, na realidade, já tem todas as suas ações previstas e calculadas antes mesmo de serem pensadas. Assim, onde está a liberdade e autonomia dos indivíduos?

Han (2018) afirma que não é possível mais se falar em uma liberdade ou autonomia plena, pois as tecnologias tornam possíveis a elaboração de prognósticos comportamentais, tornando o futuro algo previsível e passível de controle.

No atual panorama global, são os algoritmos quem decidem os conteúdos que são relevantes, as pautas que terão visibilidade, as tendências que serão mais difundidas e os produtos que serão comercializados. Meireles (2021) afirma que as grandes empresas de tecnologia controlam não

3 Marcuse (1964, p. 26) trata como “falsas necessidades” aquelas que “são superimpostas ao indivíduo por interesses sociais particulares ao reprimi-lo: as necessidades que perpetuam a labuta, a agressividade, a miséria e a injustiça.”

apenas os mecanismos materiais, mas também os simbólicos, e a assimetria dessa relação reflete um exercício de poder baseado na manipulação dos comportamentos sociais. Isso revela que os gigantes tecnológicos do capitalismo se apoiam nessa persuasão algorítmica.

Han (2018) diz que colocamos na rede todo tipo de dados e informações pessoais, sem avaliar as consequências, o que representa uma gravíssima crise da liberdade. Entretanto, importa mencionar que, apesar de sermos nós mesmos quem fornecemos dados sobre nossas vidas às redes, isso acontece de forma inconsciente, uma vez que o próprio indivíduo é levado a crer que está no controle daquele meio, quando na verdade não. Os sistemas são programados justamente para a colheita inconsciente.

Nessa linha, Herbert Marcuse (1964, p. 28) já possuía uma ideia clara sobre a questão da dominação internalizada, dizendo que: “toda libertação depende da consciência de servidão e o surgimento dessa consciência é sempre impedido pela predominância de necessidades e satisfações que se tornaram, em grande proporção, do próprio indivíduo.”.

A afirmação de Marcuse ainda faz sentido no hodierno contexto, pois a persuasão atua precisamente na área das satisfações individuais, o que, por conseguinte, torna a dominação invisível, culminando na adesão inconsciente do usuário ao sistema. Por isso, pergunta-se: no mundo capitalista dominado pela manipulação algorítmica, há liberdade sobre si?

4 A supressão da identidade cultural a partir da lógica algorítmica e o imperativo de resistência

A discussão acerca da dinâmica dominante dos algoritmos como novo *soft power*, vista no tópico anterior, explicita a maneira como o poder tecnológico se manifesta na atualidade é ainda mais forte sobre países emergentes e periféricos, onde a dependência cultural e econômica em relação aos centros hegemônicos é ainda maior.

Afora os algoritmos terem sido projetados com um propósito computacional, logístico e organizacional para diversos aspectos da vida humana. “Essas interações podem ser inclusivas ou exclusivas, mais (ou menos) igualitárias, estereotipadas (ou não), e têm um impacto direto na ação humana” (Mendonça; Filgueiras; Almeida, 2025, p. 49). Isso permite compreender que a lógica algorítmica promovida pelo capitalismo não opera de modo neutro, mas participa ativamente da produção de hierarquias culturais e simbólicas, evidenciando como sua atuação tende

criar e aprofundar diferenças já existentes, sobretudo em contextos periféricos.

Nesses contextos, os algoritmos não apenas moldam hábitos de consumo e interação, mas também impõem padrões externos que tendem a suprimir expressões locais, relegando-as a uma posição secundária. Como resultado tem-se a reprodução de uma lógica global assimétrica em que determinadas vozes ganham alcance e legitimidade, enquanto outras permanecem invisibilizadas, reforçando a condição de subordinação desses povos no cenário mundial.

No decorrer deste artigo, observou-se como a lógica capitalista se manifesta na globalização através do *soft power* utilizando os algoritmos pra influenciar a sociedade e atuando como mediadores do conhecimento. Em seguida, é preciso debater sobre os problemas causados por essa dominação, focando, especificamente, na supressão da identidade cultural e no imperativo da resistência.

O poder do capital, aliado ao fenômeno da globalização, instaurou uma dinâmica de homogeneização que ameaça a diversidade cultural e enfraquece as identidades coletivas através da perpetuação de visões unitárias e neocolonizadoras. Para Milovic (2004), o mundo vive sob a dominação do projeto americano que fragiliza identidades locais através da imposição de sua cultura.

Assim, tal perspectiva nos permite enxergar a globalização não apenas como um meio neutro de integração que promove novas formas de circulação, mas como um meio de padronização cultural que marginaliza expressões locais e impõe a lógica reprodutiva capitalista como a única vertente possível a ser difundida na sociedade. Ou seja, apesar de existirem mudanças significativas advindas da globalização, tais avanços continuam engendrados às engrenagens mercadológicas em que o resultado se volta para a crítica de Milovic (2006): em vez de emancipar a diferença, o capitalismo tende a subsumi-la à lógica reprodutiva do capital.

A força dessa dominação, como já vimos anteriormente, manifesta-se não mais através de um poder coercitivo e punitivo, mas através de uma persuasão sublime. O poder pode se apresentar sob diversas formas: seja mais direto e imediato, revelando-se supressor da liberdade ou pela manipulação, mostrando-se mais sutil e agradável (Han, 2018).

O poder ao qual nos referimos no presente artigo, trata-se de um poder que não reprime diretamente, que não é violento e que não se impõe pela força. Ao contrário, ele é forte porque é sutil e praticamente

imperceptível. O seu exercício se dá, na sua grande maioria, pelos centros hegemônicos que, conforme já analisado na teoria sistema-mundo por Marcel Van der Linden (2013), ocupam um espaço sob um pedestal que comanda e determina padrões.

Já os países tidos como periféricos e emergentes, a exemplo do Brasil, permanecem submetidos a uma lógica de dependência estrutural. Isso revela não apenas uma sobreposição cultural, mas a imposição de um projeto cultural unitário disfarçado de globalização, mas intencionado para a dominação.

É a partir desse ponto que se torna prudente ligar esse sistema de dominação hegemônico à teoria da subalternidade de Gayatri Spivak (2010). Para a autora, essa imposição cultural de narrativas hegemônicas retira dos outros a capacidade de falarem por conta própria, necessitando sempre da fala por representação, relegando-os a um estado de subalternidade (Spivak, 2010).

Na sua obra, Spivak (2010) denomina os indivíduos sobrepostos à dominação de subalternos. Estes, por sua vez, constituem as camadas mais baixas da sociedade e são excluídos de formas específicas pelos próprios mercados, tanto no âmbito político quanto legal, cerceando-os, ainda, da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante.

Refletindo, sobre o conceito de subalternidade dentro do contexto da persuasão algorítmica no âmbito da globalização, fica claro como os povos periféricos e as culturas locais se tornam subalternas dentro do pensamento hegemônico. Isso porque são constantemente excluídos dos espaços de poder e têm suas identidades representadas por padrões alheios aos seus.

De forma analógica, o que podemos ver é que o subalterno não fala por si. Ele é representado pelo próprio centro seja pelos algoritmos que moldam o consumo cultural seja pelo *soft power* do capitalismo. Assim, a identidade e a cultura dos outros se tornam produtos nos quais o projeto cultural vira, na verdade, um projeto para a invisibilidade.

Essa abordagem da subalternidade em Spivak converge com o pensamento de Miroslav Milovic ao identificar na globalização contemporânea a imposição do projeto cultural americano. Vejamos o que o filósofo da diferença diz sobre isso:

Todo lugar no mundo é praticamente a articulação dos interesses nacionais americanos. A globalização do mundo é nada mais que a consequência desse projeto cultural particular dos Estados Unidos.

Para que esse projeto sublime se realize, não há problema **para eles em destruir indígenas, negros, outras culturas, outros** [...] (Miroslav, 2025, p. 10, grifo nosso).

Ora, se para Spivak o subalterno é aquele que é silenciado pelo intelectual pós-colonial e que tem sua fala suprimida por aquele, em Milovic vemos exatamente quem pratica esse silenciamento: o projeto cultural americano que, por sua vez, apresenta-se como universal e não hesita em apagar vozes, identidades e culturas.

A reflexão se amplia ainda mais quando damos conta que não se trata de um processo de dominação simples de uma subalternidade coletiva, mas de um efeito invisível que atomiza e nega o indivíduo, chamando-nos a reforçar a importância da resistência e da valorização da diferença que torna cada povo seu próprio povo.

É nesse panorama que o imperativo de resistência se encontra dentro da filosofia miroslaviana, sendo o principal objetivo dessa corrente elaborar uma *Comunidade da Diferença*⁴, que visa emancipar aqueles submetidos à economia capitalista. É indispensável, pois, sair do pensamento metafísico que se limita a repetir as estruturas dominantes do capital, inaugurando um caminho que busca produzir coisas novas em oposição à lógica da reprodução.

A dominação e a colonização são as últimas palavras da modernidade em que vivemos, e nos indaga perguntando qual o preço a se pagar para sermos modernos e entrarmos no mundo global (Miroslav, 2006). Diante disso, cumpre questionar: vale a pena sermos persuadidos pela sedução do *soft power* algorítmico para estarmos inseridos na modernidade às custas da negação da nossa própria identidade?

5 Conclusão

Por todo o exposto, a ideia desenvolvida no presente artigo partiu da reflexão acerca da constatação de que o capitalismo contemporâneo não se apresenta mais apenas como um sistema econômico de simples comercialização de serviços e produtos. O atual modelo parte de uma lógica de manipulação e consequente dominação sutil, incutindo nos sujeitos necessidades artificiais, moldando comportamentos e influenciando as pessoas em diversos aspectos.

4 Comunidade da Diferença, para Miroslav Milovic, é uma alternativa de comunidade que é construída através da convivência com a diferença entre os sujeitos e suas singularidades.

Diante dessa nova realidade, o trabalho buscou analisar como essa dominação invisível culmina na supressão da identidade cultural e atomiza a subjetividade do indivíduo, especialmente, pela utilização dos algoritmos enquanto catalizadores dos interesses hegemônicos.

O objetivo central foi entender de que forma os algoritmos agem, através do *soft power* que permeia a cultura norte-americana como padrão do centro para as periferias trabalha para o esvaziamento das identidades locais. Para esclarecer esse pensamento, o artigo buscou articular a crítica de Miroslav Milovic sobre a *Comunidade da Diferença* junto dos conceitos de Joseph Nye (*soft power*) somados às reflexões de Byung-Chul Han, Marcuse e Gayatri Spivak.

O estudo sobre a lógica invisível do capitalismo e o *soft power* na era digital, tratado no tópico 2 deste artigo, revelou que a dominação não se dá apenas pela coerção e pelo poder duro, mas também pela capacidade de moldar ideais, desejos e induzir comportamentos que nascem a partir da atração cultural. Tal dominação passa despercebida. Em um contexto global, esse modelo de poder fica mais evidente na imposição da cultura norte-americana sobre os demais países do mundo, valendo-se do *soft power* para tal. Isso cumpre com o propósito de manter a sua hegemonia e consequente perpetuação de padrões que marginalizam as vozes de países periféricos.

O *soft power* age por trás da engenharia do consumo e da persuasão algorítmica. Os algoritmos trabalham para construir mecanismos de uma engenharia do desejo e funcionam como um instrumento psicopolítico e intervêm na psique e influencia a sociedade em um nível pré-reflexivo, criando falsas necessidades e promovendo uma adesão inconsciente ao sistema. Assim, restou demonstrado que a persuasão algorítmica retira do indivíduo sua liberdade real, visto que um falso ideal de livre-arbítrio é criado para influenciar o indivíduo a aderir a esse sistema que gera uma grave crise da liberdade.

Afora a manipulação, também foi possível verificar, a partir da lógica de funcionamento dos algoritmos, uma supressão da identidade cultural. Tem-se como imperativo a resistência à imposição de padrões e invisibilidade das identidades locais.

Diante do contexto, a proposta Miroslaviana de uma *Comunidade da Diferença* ganha destaque como saída para a supressão cultural ao contexto situacional da dominação capitalista pautada na persuasão algorítmica. Isso porque tal comunidade não se funda na padronização - ao

contrário do que a reprodução hegemônica cultural americana visa -, mas no reconhecimento das individualidades culturais que possam oferecer um novo sentido e escapar da objetificação da identidade voltada para o capital.

Pode-se concluir que a persuasão algorítmica age diretamente dentro da modernidade e da globalização, não para influenciar a sociedade como um sinônimo de liberdade, mas como uma dominação sutil e invisível que exige, para tanto, a negação da identidade do eu. Tal forma de dominação gera um esvaziamento das identidades que suprime a reprodução cultural em nome da reprodução do capital.

O trabalho demonstra a necessidade de um novo paradigma que seja capaz de repensar o mundo e as culturas, questionando as estruturas invisíveis de poder que são impostas e que mascaram a autonomia e a liberdade.

Sugere-se, portanto, iniciativas tais como coletivos digitais autônomos, plataformas digitais livres voltadas para a valorização cultural local e que visem o fortalecimento de identidades coletivas. Essas sugestões se mostram como alternativas embrionárias dessa resistência, evidenciando opções nas quais a diferença deixa de ter um fim mercadológico e passa a assumir o seu papel de potência criadora e de reafirmação cultural.

Referências

Arrighi, Giovanni. **A ilusão do desenvolvimento**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

Bauman, Zygmunt. **Vida para consumo**: A transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

Bezerra, Stéfani Clara da Silva; SILVA, Alexandre Antonio Bruno da; MORAIS, Amanda Ingrid Cavalcante de. Cosmopolitismo jurídico: diretrizes gerais para a propositura de um direito do trabalho global. In: ENCONTRO VIRTUAL DO CONSELHO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITO – CONPEDI, **Anais...**, 3., 2021, Florianópolis. Direito internacional II. Florianópolis: CONPEDI, 2021. p. 83-100. Disponível em: <https://site.conpedi.org.br/publicacoes/276gsltp/ql2rny8w/HQ61XC5oR0ncbzOn.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2025.

Han, Byung-Chul. **Psicopolítica**: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Tradução de Maurício Liesen. Belo Horizonte: Editora Ayiné, 2018.

Hoffmann-Riem, Wolfgang. Controle do comportamento por meio de algoritmos: um desafio para o Direito. **Direito Público**, [S. l.], v. 16, 2019. Disponível em: <https://www.portaldeperiodicos.idp.edu.br/direitopublico/article/view/3647>. Acesso em: 11 set. 2025.

Linden, Marcel van der. **Trabalhadores do mundo**: ensaios para uma história global do trabalho. Tradução de Patricia de Queiroz Carvalho Zimbres. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

Lipovetsky, Gilles; CHARLES, Sébastien. **Os tempos hipermodernos**. Tradução de Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MARCUSE, Herbert. **O homem unidimensional**: estudos da ideologia da sociedade

industrial avançada. Tradução de Robespierre de Oliveira, Deborah Christina Antunes e Rafael Cordeiro Silva. São Paulo: EDIPRO, 2015.

Meireles, Adriana Veloso. Algoritmos e autonomia: relações de poder e resistência no capitalismo de vigilância. **Opinião Pública**, v. 27, n. 1, p. 28-50, abr. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0191202127128>. Acesso em: 24 ago. 2025.

Mendonça, Ricardo F.; Filgueiras, Fernando; Almeida, Virgílio. **Política dos algoritmos**: instituições e as transformações da vida social. Traduzido por André Albert. São Paulo: Ubu Editora, 2025.

Milovic, Miroslav. As metáforas do poder. In: Brito, Rose; Fernandes, Paulo; Bonfim, Cacilda. **Miro 70 anos**: diálogos com Miroslav Milovic. Tradução de Juliano Zaiden Benvindo. Santo Ângelo: Ilustração, 2025, p. 17-29.

Milovic, Miroslav. **Comunidade da Diferença**. Rio de Janeiro: Unijuí, 2004.

Milovic, Miroslav. Democracia e Identidade. In: MILOVIC, Miroslav (org). **Sociedade e diferença**. Brasília: Casa das Musas, 2 ed., 2006, p. 35-47.

Nye Júnior, Joseph S. **O futuro do poder**. São Paulo: Benvirá, 2012.

Nye Júnior, Joseph S. **Softpower**: the means to success in World Politics. New York: PublicAffairs, 2004.

Pereira, Alexsandro Eugenio. Três perspectivas sobre a política externa dos Estados Unidos: poder, dominação e hegemonia. *Revista Sociologia Política*, Curitiba, v. 19, n. 39, p. 237-257, jan./jun. 2011. Disponível

em: <https://doi.org/10.1590/S0104-44782011000200016>. Acesso em: 3 set. 2025.

Spivak, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.